

**Título: Petismo e Lulismo na periferia de São Paulo: ideologia, classe e voto**

**Autora: Camila Rocha**

**Trabalho preparado para o IV Seminário Discente da Pós-Graduação em  
Ciência Política da USP, de 07 a 11 de abril de 2014-02-27**

**Resumo:**

Nos últimos dez anos testemunhamos um processo de ascensão social que ocasionou mudanças importantes na piramidal estrutura de classes brasileira, o que desencadeou uma polêmica a respeito do surgimento de uma “nova classe média” ou de uma “nova classe trabalhadora” tanto na mídia como na academia. Ao mesmo tempo, debates a respeito do significado da ascensão de Lula da Silva ao poder, e de sua sucessora no governo, Dilma Rousseff, ganharam ímpeto renovado após a publicação das teses do cientista político André Singer acerca do surgimento de um novo movimento na política brasileira, o Lulismo. Tendo em vista, principalmente, as discussões em torno destes recentes fenômenos sociais e políticos, conduzi, por dois anos e meio, entre 2011 e 2013, uma etnografia política junto a moradores da “Brasilândia” (bairro de periferia da Zona Norte da cidade de São Paulo) que estavam em processo de ascensão social. Meu intuito foi o de compreender melhor como estas pessoas organizavam seus universos político-ideológicos e como, com base em tais orientações político-ideológicas, escolheriam seus/suas candidatos/as para o executivo e o legislativo nas eleições municipais de 2012.

## **Introdução**

A sociedade brasileira vem passando por mudanças sociais e políticas importantes desde a posse do primeiro ex-operário na presidência da república em 2003. Além da redução do número de brasileiros considerados miseráveis, em grande medida, em função do Bolsa-Família, principal programa de transferência de renda do governo federal, encabeçado na época por Luís Inácio Lula da Silva, houve um aumento dos níveis de renda e consumo de milhões de trabalhadores pobres, os quais também se beneficiaram de medidas adotadas pelo governo federal, como a diminuição do desemprego e o aumento da formalização no mercado de trabalho. Este último fenômeno, detectado de forma mais acurada no ano de 2008, passou a ser encarado pela maior parte dos grandes veículos de mídia e por alguns acadêmicos como o surgimento de uma “nova classe média”, também chamada de “nova classe C”.

Apesar do processo de ascensão social de trabalhadores pobres ter recebido um maior destaque na mídia e maior atenção dos analistas de mercado, interessados no aumento do consumo destes segmentos, segundo o cientista político uspiano André Singer (2009, 2012), foram as mudanças que ocorreram nas camadas sociais mais empobrecidas da sociedade brasileira que teriam aberto espaço para o surgimento de um novo fenômeno na política do país: o Lulismo. De acordo com Singer, o Lulismo seria um movimento político em que o então presidente Lula realizaria uma arbitragem do conflito social e político combinando medidas que ao mesmo tempo beneficiariam os mais pobres, por meio de políticas de transferência de renda, e o grande capital, por meio da manutenção de políticas econômicas ortodoxas. No ano de 2006 tal movimento teria sido apoiado eleitoralmente por aqueles que compõem a parte mais empobrecida da base da pirâmide social brasileira, os quais Singer denominou de subproletariado.

Segundo afirma o cientista político uspiano, o subproletariado teria apoiado o projeto lulista não apenas em função dos benefícios econômicos recebidos do governo, leia-se Bolsa Família, mas também porque, ideologicamente, o Lulismo promoveria mudanças sociais sem romper com a ordem social-econômica, o que coincidiria com a ideologia do próprio subproletariado. Tal coincidência ideológica faria com que a adesão à figura de Lula fosse mais forte do que uma simples aprovação do governo de turno, de modo que teria sido justamente esta adesão da

população mais pobre do país ao Lulismo que teria possibilitado não apenas a reeleição de Lula em 2006, mas a continuação do Lulismo por meio da eleição de Dilma Rousseff, sucessora de Lula na presidência, em 2010. Segundo propõe o cientista político uspiano, o Lulismo teria promovido uma polarização entre o subproletariado, que o apoiaria eleitoralmente, e a maior parte das classes médias e altas, que o rejeitaria nas urnas, votando de forma sistemática na oposição.

No entanto, se a sociedade brasileira se dividiria de forma tão estanque nas urnas, qual seria então o posicionamento político dos trabalhadores pobres em ascensão, ou, como querem alguns, da nova classe média? Alinhar-se-iam com o subproletariado na defesa do Lulismo ou se comportariam de forma análoga às classes médias tradicionais? Caso apoiassem Lula, este apoio refletiria em uma adesão a outras candidaturas do PT? Quais razões embasariam suas escolhas políticas-eleitorais? Estes setores compartilhariam da ideologia do subproletariado de mudança social dentro da ordem, uma vez que teria justamente saído desta camada social em anos recentes, ou organizaria seu universo político-ideológico de outra forma?

Foi com estas questões em vista que resolvi fazer uma investigação junto a esta população, por vezes classificada como “nova classe média” ou “nova classe C”. Minha intenção era compreender como estas pessoas organizavam seus universos político-ideológicos e como isso se refletia em suas escolhas eleitorais. No entanto, uma das primeiras dificuldades com que me deparei foi a classificação destas pessoas como “nova classe média”, ou mesmo “nova classe C”, afinal, o que isso significaria?

No ano de 2008, o economista da FGV Marcelo Neri, passou a defender a ideia do surgimento de uma “nova classe média” no Brasil, sendo que a escolha de tal nomenclatura indicaria apenas que tal “classe” seria um estrato de renda de nível médio no sentido estatístico (Neri, 2008) - daí o uso da letra “C”, tendo em vista os estratos de renda classificados como A, B, C, D, E utilizados em pesquisas deste tipo. Dois anos depois, os cientistas sociais Bolívar Lamounier e Amaury de Souza (2010) endossaram a posição de Neri e afirmaram, com base em *surveys* e pesquisas qualitativas, que os indivíduos da “nova classe média”, ao contrário da classe média tradicional, possuiriam uma mentalidade “estatista” (defendendo a existência de empresas e serviços estatais e públicos), seriam pouco empreendedores e gozariam de baixos níveis de associativismo.

A curiosa ideia de uma classe média concebida apenas em termos “estatísticos” e que não seria uma “classe média” em um sentido sociológico,

distanciando-se, assim, até mesmo daquilo que o senso-comum mais rasteiro compreende pelo termo, logo levantou uma série de críticas e polêmicas na academia. A partir de duras críticas realizadas à ideia da existência de uma “nova classe média” desenvolveu-se um novo debate sobre a existência ou não de uma “nova classe trabalhadora”, promovido principalmente pelos sociólogos Jessé Souza e Ruy Braga, pelo economista Marcio Pochmann, e pelo cientista político André Singer.

A despeito de divergências no que diz respeito à existência ou não de uma nova classe trabalhadora, estes quatro autores, além de se posicionarem contra a ideia do surgimento de uma nova classe média, apontam para uma melhor caracterização destes segmentos em ascensão em comparação com o que havia sido feito até então. Em alguma medida, todos partem do diagnóstico de que estes segmentos emergentes são trabalhadores pobres, ou *working poor* (Pochmann, 2012), que ganham por mês entre um e dois salários-mínimos individualmente, concentram-se principalmente nas áreas de serviços, comércio e construção civil e enfrentam condições precárias de trabalho, as quais foram minoradas por um aumento das taxas de formalização do emprego.

Levando em consideração tanto os argumentos destes últimos autores, como as experiências que tive no início da pesquisa de campo, descartei a ideia da existência de uma nova classe média. Passei então a trabalhar inicialmente com a categoria mais livre de “trabalhadores pobres em processo de ascensão”, cujas características remetem àquelas expostas anteriormente e que serviram de base para que eu pudesse selecionar as pessoas que iriam fazer parte da presente pesquisa.

Para investigar de forma mais aprofundada o universo político-ideológico destas pessoas optei por fazer uma etnografia em um bairro de São Paulo que concentrasse tal população e não possuísse um perfil político específico, ou seja, não fosse reduto eleitoral de algum partido político. Tendo em vista os dados socioeconômicos e políticos dos bairros de São Paulo coletados e disponibilizados pela pesquisa DNA Paulistano (2009), e a existência de informantes que pudessem me auxiliar na realização da pesquisa, optei por fazê-la no bairro da Brasilândia, localizado na Zona Norte de São Paulo, ao pé da Serra da Cantareira.

Durante a pesquisa de campo, com a ajuda dos informantes<sup>1</sup>, realizei duas séries de entrevistas com dezessete moradores que eram trabalhadores ou pertenciam a famílias de trabalhadores em processo de ascensão social. A primeira série de entrevistas foi realizada durante o segundo semestre de 2011 com a intenção de compreender melhor o universo político ideológico dos entrevistados, assim, tais entrevistas eram semiabertas, baseadas principalmente em temáticas relacionadas ao cotidiano, problemas sociais e mobilização, e duravam em média uma hora e meia. A segunda série de entrevistas foi realizada entre o segundo semestre de 2012 e o início de 2013<sup>2</sup> para saber em quem os entrevistados haviam votado nas eleições municipais de 2012 e suas impressões sobre as eleições e a política institucional.

Além destas duas séries de entrevistas também foram realizadas, na companhia de minha principal informante de pesquisa, Maria Teresa, cujo filho, Lucas, foi um de meus entrevistados, diversas idas a comemorações e eventos públicos e familiares no bairro onde pude conversar mais livremente com as pessoas sem o uso de gravador. Também realizei entrevistas de apoio com duas militantes políticas do bairro e fiz uso de dados oriundos de documentos sobre a região produzidos por ONGs, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e a Associação Cantareira.

### **O bairro da Brasilândia e seus moradores: do projeto do trabalhador “petista” à ascensão social individual “lulista”**

O subdistrito da Brasilândia se localiza geograficamente na zona noroeste da cidade, fazendo fronteira com os bairros da Freguesia do Ó, ao sul, Jaraguá ao leste, e Cachoeirinha ao oeste, sendo que ao norte se encontra a Serra da Cantareira. O bairro nasceu oficialmente em 1947 mas até a década de 1970 era praticamente um bairro rural, composto de chácaras, algumas poucas casas e estradas de terra. Dez anos

---

<sup>1</sup> Três informantes me auxiliaram na pesquisa de campo, Daniela, uma amiga de faculdade, nascida e criada na região central da Brasilândia, Claudemir, ex.-auxiliar de serviços gerais do prédio em que moro, morador do Jd. Guarani, e Maria Teresa, amiga de Claudemir e também moradora do Jd. Guarani, que, com o tempo, virou minha amiga e principal informante de pesquisa (todos os nomes das pessoas que participaram da pesquisa foram modificados para proteger suas identidades, com exceção de Juçara Zottis).

<sup>2</sup> A segunda fase de entrevistas estava programada para ocorrer apenas durante o segundo semestre de 2012 na época das eleições, porém, entre outubro e dezembro uma onda de violência varreu o bairro da Brasilândia, de modo que as entrevistas foram realizadas nos próximos meses.

depois da pavimentação da Rua Parapuã<sup>3</sup>, e da fundação da primeira Igreja da Brasilândia, a Igreja Santo Antônio, em 28 de fevereiro de 1964, o bairro foi elevado a 40º subdistrito da cidade de São Paulo, época em que teve início um grande crescimento demográfico na região e as feições mais “rurais” do subdistrito começaram a desaparecer.

O aumento da população ocorreu, em grande medida, em virtude da migração massiva de pessoas oriundas de regiões empobrecidas do país, principalmente nordestinos, à procura de ofertas de emprego nas fábricas localizadas nos bairros da Barra Funda, Limão, Freguesia do Ó, e demais distritos próximos. Com a chegada dos migrantes, ao longo dos anos, a região em torno da Igreja de Santo Antônio começou a ser ocupada por pessoas de maior poder aquisitivo, enquanto os mais pobres foram sendo deslocados para morros e áreas próximas de córregos que não contavam com equipamentos urbanos.

Tal fenômeno ensejou a formação de várias “vilas” em torno da região central da Brasilândia, entre as quais estão Jardim Vista Alegre, Carombé, Ana Maria, Jardim Paulistano, Jardim Damasceno, Jardim Guarani, Cruz das Almas, entre outras, que não possuíam infraestrutura urbana básica como fornecimento de água e energia elétrica, pavimentação de ruas, transporte e equipamentos públicos como escolas e postos de saúde. Dada a precariedade destas várias vilas que se formaram durante a década de 1970, em plena ditadura militar, com o tempo, começaram a surgir diversos movimentos de moradores para reivindicar melhoras nos novos bairros, muitos dos quais estavam ligados à Igreja, que se expandiu na região por meio da fundação de diversas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A primeira CEB, a Santa Isabel, foi fundada ainda no fim da década de 1960, depois vieram a CEB Sant’Ana em 1983, a CEB São Renato Batista em 1986, a CEB Sagrado Coração de Jesus em 1991, entre outras. De acordo com os depoimentos de dois militantes dos movimentos de moradores coletados pelo Jornal Cantareira<sup>4</sup>, essa época foi politicamente marcante para o subdistrito:

---

<sup>3</sup> A Rua Parapuã é a principal rua da região central da Brasilândia, cuja continuação é a Avenida Itaberaba, via arterial que corta o bairro da Freguesia do Ó.

<sup>4</sup> O Jornal Cantareira, publicação ligada à Associação Cantareira, editado entre 1996 e 2010, realizou uma série de entrevistas com moradores da região para reconstituir sua história chamada “De olho na história”.

“Eram grupos heterogêneos oriundos da Igreja, da Frente Nacional do Trabalho, do movimento estudantil, que envolvia também professores, militantes políticos, líderes de movimentos, padres, irmãs e agentes da pastoral que iniciam uma luta de resistência e enfrentamento aos grupos de direita que comandavam a região. Foi uma década muito importante no processo de formação política da Brasilândia. Neste momento a Igreja Católica estava em comunhão com o sofrimento do povo. Era o início da Teologia da Libertação, o começo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e a organização das pastorais sociais” (Luiz Zimmerman)

“A luta pela água foi um dos principais motivos que desencadeou o movimento de resistência na região. Problemas como canalização de esgoto, luz, transporte público, regularização dos terrenos, a falta de equipamentos públicos (posto de saúde, escolas, creches, centros culturais) tomou um contexto amplo que envolveu quase todos os bairros do Subdistrito Brasilândia. A organização dos diversos bairros ganhou força e a Brasilândia era vista como um caroço na garganta dos governantes. As lideranças e o povo não davam trégua enquanto não fossem atendidas as reivindicações. Este ciclo durou aproximadamente 15 anos. A luta foi longa, mas de uma em uma o povo conquistou todas as reivindicações” (Teresa Lajolo<sup>5</sup>)

As CEBs figuraram como aglutinadoras fundamentais dos movimentos de moradores dos novos bairros do subdistrito da Brasilândia que iam sendo formados por migrantes, principalmente nordestinos, que trabalhavam na indústria e construíam suas próprias casas em ocupações recentes para fugir dos altos aluguéis das regiões mais centrais do subdistrito. Assim, é possível dizer que, de forma análoga ao que ocorria em muitos bairros da periferia da cidade de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980, os moradores da Brasilândia haviam aderido ao que o sociólogo Gabriel Feltran (2011) chama de “projeto do trabalhador”.

Segundo Feltran, este projeto consistia na ascensão social via participação em movimentos sociais, autoconstrução da moradia e trabalho fabril. A adesão ao projeto do trabalhador pelos moradores de bairros de periferia das grandes cidades foi possível nessa época por conta de uma conjuntura política e econômica específica que combinava as altas taxas de crescimento econômico da época da abertura do regime

---

5 A vinculação partidária de Teresa Lajolo é conhecida pois a mesma foi professora de Daniela, uma de minhas informantes, a qual relatou que Teresa era filiada ao PT.



militar (1974 em diante) com o aumento da desigualdade social. Tal desigualdade se materializou nas grandes cidades no crescimento quantitativo de favelas e habitações precárias, as quais passaram a se distribuir espacialmente na cidade a partir de uma dinâmica que foi descrita pela literatura como “centro-periferia” (Moya, 2011).

A migração de trabalhadores do centro para bairros de periferia fez com que muitas incorporadoras se aproveitassem da oportunidade para lotear e vender terrenos, ainda que em áreas que não possuíssem os equipamentos públicos necessários para a formação de novos bairros. Estes foram sendo constituídos de maneira desordenada, por conta, principalmente, da atuação das incorporadoras em conjunto com a falta de regulações por parte do Estado sobre a disposição de terras urbanas. Com as migrações em massa de pessoas provenientes de regiões empobrecidas do país estes locais passaram a receber grandes contingentes populacionais, agravando ainda mais a situação (Kowarick, 2000).

O crescimento urbano desordenado, aliado à falta de equipamentos públicos básicos, à pobreza e ao aumento das taxas de desemprego, e, principalmente, à vigência da ditadura militar, propiciou uma conjuntura favorável para o surgimento de uma série de movimentos de moradores, mediados por associações de bairro e CEBs, que passaram a demandar, inicialmente, equipamentos urbanos ao Estado. Tais demandas, com o tempo, e em função da proximidade da democratização, passaram a se intensificar e a se combinar com outras demandas dos trabalhadores urbanos, influenciando de forma decisiva os movimentos operários que desembocaram nas famosas greves do ABC no fim da década de 1970 (Idem, 2000). Em 1980, a combinação explosiva entre CEBs, movimentos de bairro, movimentos sindicais e a atuação de intelectuais de esquerda resultou na fundação do Partido dos Trabalhadores (Sader, 1988) e no “modo petista de fazer política”, ou “petismo”, criticado por Fernando Henrique Cardoso (1988) por ser “basista” e “voluntarista”, uma vez que, ainda que tenha constituído um partido político, opunha a “sociedade civil”, sinônimo dos movimentos sociais em ascensão, ao “Estado”, identificado com o regime militar.

No período que abrange os anos de 1980-1994, segundo o relato das pessoas que entrevistei na Brasilândia, apesar das taxas de desemprego não serem baixas, não era tão difícil conseguir empregos em indústrias próximas ao bairro. Era comum que os homens trabalhassem como metalúrgicos e as mulheres alternassem empregos como operárias têxteis e empregadas domésticas. Porém, sem condições para pagar

alugueis em regiões mais centrais do bairro, um terço das pessoas que entrevistei, assim como muitas outras pessoas, passou a morar na favela Boa Esperança, localizada no Jardim Guarani, bairro do subdistrito da Brasilândia cortado pela Avenida Cantídio Sampaio. Tendo em vista a situação de precariedade de tais ocupações, pessoas como Maria Teresa, minha principal informante, militavam ativamente no bairro para conseguir melhorias para a comunidade, no que eram auxiliadas por vizinhos, religiosos e militantes que possuíam ligações com as CEBs e/ou com o Partido dos Trabalhadores, e em função de seu engajamento recebiam admiração e respeito de muitos moradores da região.

Contudo, no final dos anos 1980, mas principalmente durante a década de 1990, na maior parte dos bairros de periferia, os movimentos de bairro e as CEBs foram perdendo força. Os motivos para que isso tenha ocorrido são vários, porém, é possível dizer que o principal foram os cortes promovidos na indústria durante o período, o que resultou em altas taxas de desemprego e na dificuldade de organização dos trabalhadores moradores de bairros periféricos (Feltran, 2011).

Da metade dos anos 1990 até a metade dos anos 2000, muitas pessoas na Brasilândia ficaram desempregadas e/ou passaram a sobreviver de bicos e trabalhos temporários precários, inclusive algumas atingiram a pobreza extrema. Foi nessa época que Maria Teresa, que antes possuía mais tempo para se dedicar à militância porque atuava apenas como dona de casa, precisou começar a trabalhar fora para sustentar sua família, pois seu marido, que era operário e ganhava o suficiente para mantê-los, havia ficado desempregado.

Além do desemprego e do declínio da mobilização dos movimentos de bairro e da perda de importância das CEBs, houve também um crescimento exponencial do tráfico de drogas e da criminalidade nos bairros de periferia. Os jovens com que conversei diziam ter “perdido” vários amigos e conhecidos para as drogas e o crime, uma das filhas de uma entrevistada, por exemplo, ao se envolver com tráfico de drogas fora assassinada, e não era incomum se deparar com jovens ex-presidiários nas famílias das pessoas que conheci. A proximidade com o “mundo do crime” fazia com que praticamente todas as pessoas que entrevistei na Brasilândia, com exceção de uma entrevistada que morava em uma região mais central do subdistrito, aderissem à “fala da violência” (Caldeira, 2000). As famílias que possuem filhos jovens, principalmente do sexo masculino, temiam que estes fossem atraídos para o “mundo do crime”, consumissem drogas, ou ambos. Os próprios jovens relataram ter medo da

violência no bairro, inclusive da que ocorre, por vezes, durante os *funks* realizados nas ruas, uma das poucas diversões da juventude na periferia. Assim, o aumento da criminalidade no bairro, aliado ao refluxo das atividades dos movimentos de bairro e das CEBs, fez com que as pessoas passassem a se voltar mais para suas rotinas individuais, postura que parecia ficar mais reforçada ainda entre aqueles que frequentam igrejas evangélicas, as quais aumentaram bastante sua presença neste período<sup>6</sup>.

As igrejas evangélicas, em comparação com a atuação da Igreja Católica no bairro, são mais conservadoras em termos sociais e políticos. Seus adeptos compreendem as dificuldades sociais das pessoas como decorrentes apenas de questões relativas à moral e à espiritualidade, de modo que a eventual atenuação da vulnerabilidade social entre os fiéis de tais denominações ocorre de forma indireta em virtude das regras de comportamento e da solidariedade interna promovidas pelas igrejas (Almeida, 2004) e não da ação social dos religiosos no entorno dos templos.

No entanto, a religiosidade católica também passou por transformações. Se a ação dos católicos nos bairros de periferia continua ainda hoje mais voltada às causas sociais da pobreza, ela não possui a mesma radicalidade existente nos anos 1970 e 1980, quando a Teologia da Libertação estava em seu auge (Sofiati, 2009). O crescimento da renovação carismática, cuja “tendência é a de ver o social como um projeto de moralização e isto sob o prisma de um catolicismo voltado para si mesmo.” (Valle, 2004), fez com que a Teologia da Libertação perdesse espaço na Igreja e operasse um recuo programático a partir dos anos 1990, no sentido de privilegiar uma perspectiva mais subjetiva e cultural (Sofiati, 2009).

Tendo em vista tal cenário, a pobreza passou a ser encarada por grande parte da sociedade civil, que nos anos 1990 passou a ser identificada por muitos como “Terceiro Setor”, como uma questão de caridade religiosa e/ou de políticas públicas focalizadas, realizadas cada vez mais por ONGs em detrimento do Estado (Dagnino, 2004), e não como parte de uma desigualdade social e econômica estrutural que deveria ser combatida por meio da mobilização popular. Assim, a maior parte dos moradores de bairros periferia passou a buscar a resolução de seus problemas de forma estritamente individual por meio de diversas “saídas de emergência” (Cabanés

---

<sup>6</sup> Atualmente na Brasilândia, 34% dos habitantes se dizem evangélicos, destes, 28% pentecostais e 6% não pentecostais (DNA Paulistano, 2009).

et al., 2011) e não por meio da organização coletiva, como ocorria no período anterior.

Dessa forma, se os anos 1990 foram marcados pelo abandono do projeto do trabalhador por modos individuais de vencer a pobreza, é possível dizer que o período que se inicia a partir da metade dos anos 2000 consolida tais modos em um novo projeto de ascensão social individual. A diminuição das taxas de desemprego, a maior oferta de vagas no setor de serviços e da construção civil, e o aumento das taxas de formalização, provocaram um aumento nas taxas de renda e consumo dos trabalhadores pobres, os quais passaram a experimentar um importante processo de ascensão social, processo que, em algumas regiões da Brasilândia, foi intensificado com a realização de obras pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em convênio com a prefeitura, as quais compreenderam a canalização de córregos, a pavimentação de ruas e a construção de prédios habitacionais, nos quais passaram a habitar as pessoas entrevistadas por mim que antes moravam na Favela Boa Esperança.

Por meio da trajetória ocupacional de várias das dezessete pessoas que entrevistei na Brasilândia, a maioria das quais veio de regiões pobres do Nordeste ao longo dos anos 1970 e 1980 para morar nas recentes “vilas” da Brasilândia, ou, no caso das mais jovens, são filhas destes migrantes, é possível perceber as mudanças destes três diferentes momentos: o da adesão ao projeto do trabalhador nos anos 1980 com base no trabalho fabril; do desemprego e trabalhos temporários a partir da segunda metade dos anos 1990 até a segunda metade dos anos 2000; e o do aumento da oferta de emprego no setor de serviços e da construção civil a partir da segunda metade dos anos 2000 que consolidou a adesão a um projeto de ascensão individual:

**Quadro 1 – Trajetória Ocupacional dos Entrevistados**

Nome	Idade	1980-1994	1995-2004	2005-2013
Ana Maria	52	Operária	Desempregada	Empregada Doméstica
Aparecida	41	Dona de casa	Catadora de papelão	Empregada Doméstica
Carmem	49	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica
Caroline	30	Estudante	Estudante	Assistente Contábil
Cleiton	30	Estudante	Diversos empregos na área de serviços	Trabalhador de comércio
Cleuza	57	Operária/Diarista	Desempregada	Pensionista/Diarista
Dalva	58	Operária	Diversos empregos na área de serviços	Copeira
Dulce	52	Operária	Funcionária de Centro de Juventude	Professora de artes

Jadson	21	Estudante	Estudante	Trabalhador da Construção Civil
Lucas	24	Estudante	Estudante	Metalúrgico/Estudante
Manuel	35	Trabalhador da Construção Civil	Desempregado	Trabalhador da Construção Civil
Márcia	38	Operária	Vendedora de loja (shopping)	Técnica em Radiologia/Estudante
Marli	34	Dona de casa	Catadora de papelão	Dona de casa
Raimundo	53	Metalúrgico	Desempregado	Metalúrgico
Rita	43	Dona de casa	Dona de casa	Cozinheira
Roseane	24	Estudante	Estudante	Auxiliar de limpeza
Tatiana	30	Empregada Doméstica	Empregada Doméstica	Diarista

### **O declínio do petismo, a ascensão do Lulismo e as eleições municipais de 2012**

O resultado político do abandono do “projeto do trabalhador” se refletiu no declínio do projeto político-ideológico do PT, o “petismo”, o qual se apoiava na mobilização das classes populares com base nas CEBs, associações de moradores e sindicatos. Este declínio foi reforçado pelas mudanças internas do PT no que tange à profissionalização dos quadros partidários e na diminuição do espaço para a militância de base (Secco, 2011), porém, a despeito disto, o Partido dos Trabalhadores experimentou um retumbante sucesso eleitoral com a chegada de Lula à presidência em 2003, sua reeleição em 2006, e a vitória de sua sucessora, Dilma Rousseff, em 2010, além de vitórias eleitorais importantes como aquela obtida por Fernando Haddad em 2012 para a prefeitura da cidade de São Paulo, com a maior parte dos votos vindos dos bairros da periferia da metrópole.

Foi justamente a partir do primeiro mandato de Lula que parte importante das classes trabalhadoras, chamadas por André Singer de subproletariado, experimentou o processo de ascensão social individual referido anteriormente, o qual foi um resultado de políticas que conseguiram reduzir a desigualdade social no país (Pochmann, 2012) beneficiando ao mesmo tempo as classes populares e o grande capital. Este processo, arbitrado de cima pelo ex-presidente Lula, ensejou a criação de um novo movimento político, denominado por André Singer (2012) como “Lulismo”, e que divergia bastante do que previa o programa original do Partido dos Trabalhadores, o qual apontava para o enfrentamento do grande capital por meio da mobilização das classes populares como único modo de reduzir a desigualdade do país (Idem, 2012). Desse modo, pode-se afirmar que o projeto do trabalhador encapado pelo petismo nos anos

1980, coletivo e mobilizador, foi substituído nos anos 2000 por um processo de ascensão social “lulista”, individual e que dispensava a organização popular.

Tendo isso em vista, com base no trabalho de campo, foi possível constatar que tanto jovens como pessoas mais velhas moradoras que moravam na Brasilândia, que não possuíram contato com as experiências do petismo dos anos 1980, e ascenderam em anos recentes, em sua maioria, votaram no PT para a presidência em 2006 e 2010 por enxergarem em Lula alguém que de fato teria feito alguma coisa pelo “povo”, pelos mais pobres, dos quais se percebiam como parte. No entanto, tal adesão eleitoral ao PT e/ou a Lula nas eleições presidenciais não significou uma adesão à ideologia do petismo e, por vezes, nem mesmo uma adesão eleitoral mais sistemática ao PT.

Segundo o intelectual marxista sardo Antonio Gramsci (2006), as classes populares se orientariam ideologicamente a partir de uma combinação heteróclita de visões de mundo incoerente, desarticulada e fragmentaria, chamada pelo autor de “senso-comum”. No entanto, Gramsci não considera que o senso comum seja apenas um depósito de valores conservadores ou atrasados, uma vez que nele sempre existiria um “núcleo racional” ou “crítico” que o autor denomina como “bom senso”, o qual poderia ser potencializado por filosofias voltadas para a transformação social por meio da ação de partidos políticos e do que o autor chama de intelectuais orgânicos (Idem, 2006; Larraín, 2008). Tendo tal concepção em vista, é possível dizer que se o “petismo” havia conseguido aglutinar, em termos ideológicos, uma parte das classes populares em torno de um projeto político comum, seu declínio logo afetou de forma importante esta frágil coesão ideológica.

O “petismo” é uma ideologia que possui coerência interna e por isso ajudava a orientar as classes trabalhadoras em torno de um projeto político, já o “Lulismo” é um movimento político ideologicamente contraditório (Singer, 2012), cuja face conservadora pouco contribui com a organização do senso-comum em torno de um projeto político transformador. Assim, a mobilização das classes populares, a ética e a coerência, que são bandeiras fundamentais do petismo, são relativizadas, quando não completamente descartadas, pelo Lulismo, o que fez com que vários militantes petistas de base acabassem se afastando do partido.

Juçara Zottis, militante da Associação Cantareira que iniciou sua atuação política fundando a primeira seção do PT em sua cidade natal no Sul do Brasil, reclama que o partido teria aderido ao “vale-tudo” para ganhar as eleições e por isso teria deixado de frequentá-lo. Maria Teresa, minha principal informante, e ex-

militante de base do PT, afirmou que para ela o divisor de águas foi a crise desencadeada pelo escândalo político-midiático conhecido como “mensalão”, e decidiu protestar votando no primeiro turno das eleições presidenciais de 2010 em Marina Silva, então candidata pelo PV. Tal crise também repercutiu entre alguns eleitores fiéis do partido, como seu Raimundo, que, por causa disso, passou a votar sistematicamente na oposição:

“Olha, eu votei no PT um tempão bom, depois eu mudei, eu votei no Kassab agora, mas eu votei no PT um tempão, muitos anos eu votei no PT, depois eu saí. Às vezes a gente vota muitos anos num partido depois acha que...vê que...né? Votei no Lula por muitos anos (risos), muitos anos viu? Agora mesmo quando o Kassab entrou eu votei no Kassab, votei no Serra também, Alckmin, o Geraldo, eu acho competente...*Mas por que que o senhor resolveu mudar assim?*”<sup>7</sup> (pausa) É...umas coisas assim...a razão...a gente estava assistindo...foi muita corrupção, foi muita corrupção... mensalão, teve mensalão de todo o tipo né? *Então foi na época do mensalão que o senhor decidiu mudar, é isso? Foi, foi*” (Raimundo, 53 anos)

Além de provocar desencantamentos entre os militantes e os eleitores mais antigos do PT, as incoerências do Lulismo também acabam afastando os interesses de gerações mais jovens pela política. Lucas, filho de Maria Teresa e admirador de seu engajamento no bairro, frequentou a CEB em que a mãe atuava na Brasilândia e quis tirar seu título de eleitor com dezesseis anos para votar em Marta Suplicy, porém, a proximidade com a “vida loka” (Hirata, 2011), uma espécie de ideologia do “mundo do crime”, e as decepções que teve com o PT e com Lula, o qual, segundo o jovem, teria mudado quando teve contato com o poder, fizeram com que ele abandonasse seu interesse pela política e sua vontade de ajudar as pessoas de seu bairro. Já Caroline, que também frequentara a CEB por conta do engajamento de sua mãe no bairro, ainda busca referências nas antigas lideranças do petismo que lhe dão alguma esperança, mas fica tensionada com as frustrações que sente com a atual política do partido, principalmente no que diz respeito à incoerência de suas alianças políticas, como é possível verificar em seu depoimento a respeito da candidatura de Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo em 2012, a qual foi construída e apoiada desde o início por Lula:

---

<sup>7</sup> As falas em itálico são minhas.

“Na época da Erundina o ensino era muito bom também, as coisas eram mais firmes. Uma vez ela visitou a escola, eu era novinha, eu acho que eu tinha uns nove, dez anos...pra mim a Erundina foi a melhor. Aí depois passou muito tempo veio aquele Pitta lá, que acabou morrendo, ladrão também, que foi coisa do Maluf, não é? (...) Se fosse ela, se fosse a Erundina (vice de Haddad), ele teria o meu voto, porque aí, se ele saísse, ficava a nossa vice Erundina. *(Mas) Ela não aceitou...* Por causa da aliança com o Maluf, não é? Eu acho que ela está certíssima. Porque o Lula devia tomar vergonha na cara dele, naquela barba dele, que não tem mais barba, tomar vergonha e não ter feito aquilo, porque ele viu o que o Maluf fez. Então eu achei a atitude dela muito boa. Mulher de opinião. Pra mim, está certíssima. Pra mim está muito bom, certo, o que ela fez está certo. Só que o Lula não...mesmo assim ele quis, porque o Maluf também, lógico, o que ele está querendo é aliança com algum...ninguém está querendo, ele está correndo daqui, está correndo de lá, vamos dizer que é como se fosse um Collor, entendeu? Eu acho que ela fez certo. (...) Esses dias mesmo a minha mãe estava falando, “ah, se bobear esse Russomano acho que vai ganhar”. Porque a gente fica tão frustrada algumas vezes, igual agora com o Lula, a gente fica frustrada. Então isso vai te deixando...o povo vai ficando triste, essa é a verdade. O povo vai começar a anular, não vota, vota em branco.” (Caroline, 30 anos)

O voto, apesar de ser um recurso extremamente limitado do ponto de vista da expressão política e ideológica, pode acabar funcionando como indicador razoável desta quando se leva em consideração o contexto político e ideológico em que ocorrem as eleições e o universo político-ideológico do qual partem os eleitores. Maria Teresa, por exemplo, expressou seu descontentamento com o PT votando em Marina Silva no primeiro turno da eleição presidencial de 2010, João o fez passando a votar consistentemente na oposição, Lucas, filho de Maria Teresa, atualmente afirma não possuir preferência partidária, e Caroline afirma que, à medida que o povo vá ficando “triste” com a política atual, este passará a anular o voto e votar em branco.

Assim, tendo em vista as entrevistas que realizei, as preferências eleitorais dos entrevistados, e o processo histórico da substituição do projeto de ascensão social “petista” pelo projeto de ascensão social “lulista”, em um esforço de sintetizar meus achados de campo mais importantes, elaborei uma classificação dos entrevistados em três diferentes grupos que foram reunidos em um quadro para uma melhor



visualização (Quadro 2)<sup>8</sup>. É claro que classificações deste tipo sempre contam com alguma artificialidade, por maior que seja o esforço de eliminá-la, afinal, o trabalho de campo sempre apresenta ao pesquisador uma realidade muito mais complexa e permeada por contradições e incoerências, assim, na medida do possível, minha intenção é tentar compreender eventuais contradições e incoerências por meio desta ordenação analítica.

Levando tais ressaltavas em consideração, o primeiro grupo, os “petistas”, são pessoas que tiveram contato com o ativismo social ensejado pelas CEBs, acreditam na mobilização popular como forma de combater a desigualdade, buscam referência em políticos mais alinhados ao petismo, valorizam a ética e a coerência política, apontam o malufismo e o PSDB como inimigos do petismo e votam no PT de forma mais sistemática em comparação com os demais entrevistados, apesar de relatarem decepções com a atuação mais recente do partido.

Já o segundo grupo é formado por neo-petistas e lulistas. Os neo-petistas são pessoas que não tiveram contato com as formas de organização originais do petismo, e passaram a votar no PT de forma mais ou menos sistemática a partir da prefeitura de Marta Suplicy na cidade de São Paulo ou do primeiro mandato de Lula, políticos que são suas principais referências políticas. Além disso, não acreditam que a mobilização popular seja a melhor forma de conseguir benefícios para as classes trabalhadoras, afirmam que isto é dever do Estado uma vez que “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”, ou seja, que a mobilização das pessoas, ainda que possa ser meritória, concretamente quase sempre resulta mais em prejuízos do que em benefícios para os trabalhadores, o que não quer dizer que não possam vir a participar de atos ou movimentos populares a depender da situação, tendo em vista que Tatiana, por exemplo, havia participado recentemente de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) no centro de São Paulo, e Roseane foi convidada pela mãe a fazer o mesmo.

Por fim, afirmam também que todos os partidos são, em alguma medida, corrompidos, por isso se norteiam mais por benefícios palpáveis ao trabalhadores, de modo que, apesar de perceberem, por vezes, o malufismo e o PSDB como “prejudiciais” às camadas populares, são menos coerentes na “recusa” destes em comparação com os petistas. Os lulistas, que partilham do mesmo grupo dos neo-

---

<sup>8</sup> No Quadro 2 os 8 políticos que as pessoas simpatizam ou antipatizam são apresentados por ordem de preferência.

petistas, se diferenciam destes apenas por não votarem no PT de forma razoavelmente sistemática, não declararem preferência pelo partido, e por depositarem mais na figura de Lula e menos no PT suas escassas esperanças na política.

Finalmente, o terceiro grupo, formado por pessoas que não estão alinhadas nem com o “petismo” e nem com “Lulismo”, reúne desde indivíduos que não se identificam com o PT, seja porque se decepcionaram com o partido ou porque são mais conservadores, até pessoas cujo interesse por política é baixíssimo - de modo que seu universo político-ideológico é extremamente fragmentado -, cujo conhecimento sobre personalidades políticas e partidos é muito ruim, e, cujas escolhas eleitorais são bastante irrefletidas em comparação com os demais entrevistados, mas que, a despeito disso, possuem semelhanças com o segundo grupo no que diz respeito às ideias sobre atuação do governo e mobilização popular.

**Quadro 2 – Perfis político-ideológicos dos entrevistados**

<b>Petistas</b>	<b>Idade</b>	<b>Políticos Preferidos</b>	<b>Políticos/Partidos de que não gosta</b>	<b>Preferência Partidária</b>
Caroline	30	Erundina; Lula; Marta Suplicy; Dilma Rousseff; Gilberto Kassab	Maluf	PT
Cleuza	57	Nenhum	José Serra	PT
Dalva	52	Eduardo Suplicy	PSDB; PP	Não tem (sempre votou no PT)
Márcia	38	Políticos do PT	Gilberto Kassab	PT

<b>Lulistas e/ou Neo-petistas</b>	<b>Idade</b>	<b>Políticos Preferidos</b>	<b>Políticos/Partidos de que não gosta</b>	<b>Preferência Partidária</b>
Aparecida	41	Lula; José Sarney	Fernando Collor; Marta Suplicy; Maluf; Erundina	Não tem
Cleiton	30	Dilma Rousseff; Lula; Geraldo Alckmin; José Serra	Gilberto Kassab	PT
Dulce	58	Lula; Marta Suplicy	Fernando Collor	Não tem
Jadson	21	Marta Suplicy; Geraldo Alckmin	Maluf	PT
Rita	43	Lula	José Sarney	PT
Roseane	24	Lula; Marta Suplicy	Gilberto Kassab; Geraldo Alckmin	Não tem
Tatiana	30	Lula; Marta Suplicy	Maluf	PT

<b>Não-alinhados</b>	<b>Idade</b>	<b>Políticos Preferidos</b>	<b>Políticos/Partidos de que não gosta</b>	<b>Preferência Partidária</b>
Ana Maria	52	Maluf; José Serra; Geraldo Alckmin	PT; Marta Suplicy	Não tem
Carmem	49	Tiririca; Geraldo Alckmin; Dilma Rousseff	Nenhum	Não tem
Lucas	24	Nenhum	Nenhum	Não tem
Manuel	35	Geraldo Alckmin	Nenhum	Não tem
Marli	34	Marta Suplicy; Netinho de Paula; Geraldo Alckmin	Gilberto Kassab	Não tem
Raimundo	53	José Serra; Geraldo Alckmin	Maluf	Não tem

A partir da visualização do quadro acima, é possível perceber que os grupos parecem estar ordenados de forma decrescente tendo em vista o nível de “coerência política” no que tange às opções dos entrevistados. Se no primeiro grupo, as únicas “contradições” são a menção de Gilberto Kassab como o político preferido de Caroline, ainda que de forma pouco afirmativa, e a não-declaração de preferência pelo PT por Dalva, no segundo grupo estas somam mais ocorrências assim como no terceiro.

Entre os “petistas” aquilo que aparece como incoerência tem mais a ver com a decepção destes com o partido, no caso da não-declaração de preferência partidária por Dalva, somada à dificuldade de perceber certos políticos como sendo opostos ao petismo, como é o caso de Gilberto Kassab que não foi identificado por Caroline com o malufismo. Já entre os neo-petistas e lulistas, tais “contradições” são fruto da própria ambiguidade do Lulismo, que sinaliza de forma propositalmente fraca seus inimigos políticos para os eleitores e, por vezes, parece até mesmo não os possuir de fato, uma vez que políticos tidos como inimigos históricos do petismo, como Paulo Maluf, José Sarney, Fernando Collor, e agora, mais recentemente, Gilberto Kassab, fazem parte do atual arco de alianças do governo federal. Finalmente, o terceiro grupo é justamente aquele em que as polarizações políticas parecem ser menos importantes, com exceção de Ana Maria, que se diz malufista e se posiciona de forma mais coerente à direita do espectro político, afinal, Raimundo, por exemplo, que gosta de políticos do PSDB, não antipatiza com Lula, dizendo que poderia votar neste sem pestanejar caso se candidatasse a um terceiro mandato.

Assim, é possível dizer que, provavelmente, com exceção daqueles que tiveram um contato maior com o petismo, a maior parte dos trabalhadores pobres em processo de ascensão ainda guardam muitas semelhanças ideológicas com o estrato social do qual teriam vindo, tendo em vista as observações de Singer a respeito da ideologia do subproletariado. Isto ocorre, possivelmente, devido ao declínio do petismo, que reforçava o núcleo mais crítico do senso-comum, e à ascensão do Lulismo, cuja face conservadora potencializa os elementos mais “conformistas” do universo ideológico das classes populares, das quais, na maior parte das vezes, os trabalhadores pobres em processo de ascensão se percebem como parte, juntamente ao que Singer chama de “subproletariado”.

Tendo isso em vista, no que tange às escolhas eleitorais, as incoerências do Lulismo parecem desnortear eleitores que aderiram mais recentemente ao PT, os

“neo-petistas”, e por vezes até mesmo eleitores “petistas”. Estas contradições possivelmente também trazem dificuldades para que eleitores que são apenas “lulistas” possam passar a votar no PT de forma mais consistente, e para que eleitores que votam, eventualmente ou preferencialmente, em candidatos da oposição venham a mudar de opinião.

**Quadro 3 – Escolhas Eleitorais dos entrevistados nas eleições municipais de 2012<sup>9</sup>**

<b>Petistas</b>	<b>Idade</b>	<b>Voto 1o turno – Executivo</b>	<b>Voto 2o turno – Executivo</b>	<b>Voto - Legislativo</b>
Caroline	30	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Alex Motta (PSOL)
Cleuza	57	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Tião (PT)
Dalva	52	X	X	X
Márcia	38	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Fábio (PSDB)

<b>Lulistas e/ou Neo-petistas</b>	<b>Idade</b>	<b>Voto 1o turno – Executivo</b>	<b>Voto 2o turno – Executivo</b>	<b>Voto - Legislativo</b>
Aparecida	41	Russomano (PRB)	Haddad (PT)	Não lembra
Cleiton	30	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Legenda do PT
Dulce	58	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Claudinho (PSDB)
Jadson	21	X	X	X
Rita	43	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Marindo Pincel (PT)
Roseane	24	Chalita (PMDB)	Serra (PSDB)	Não lembra
Tatiana	30	Branco	Branco	Branco

<b>Não-alinhados</b>	<b>Idade</b>	<b>Voto 1o turno – Executivo</b>	<b>Voto 2o turno – Executivo</b>	<b>Voto - Legislativo</b>
Ana Maria	52	Serra (PSDB)	Haddad (PT)	Candidato do bairro
Carmem	49	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Não lembra
Lucas	24	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Em branco
Manuel	35	Serra (PSDB)	Serra (PSDB)	Candidato do PSDB
Marli	34	Haddad (PT)	Haddad (PT)	Candidato do bairro
Raimundo	53	Serra (PSDB)	Serra (PSDB)	Alex Motta (PSOL)

A partir das informações expostas no Quadro 3, é possível verificar novamente o movimento crescente de “incoerências” políticas apontado anteriormente, porém, é preciso complementá-las com outros dados de campo. Entre os “petistas”, Caroline pensou em votar em Gabriel Chalita no primeiro turno mas ao

<sup>9</sup> As letras “x” indicam a não realização da entrevista prevista na segunda fase da pesquisa com a pessoa em questão.

final desistiu, e Márcia disse com bastante vergonha que havia votado em um candidato do PSDB para o legislativo pois este era membro de uma associação que oferecia descontos em cursos universitários da qual a petista fazia parte. Já entre os neo-petistas e lulistas é possível verificar que nem todos votaram em Haddad no primeiro turno, sendo que alguns disseram ter pensado em votar em Celso Russomano do PRB, outros relataram que simpatizaram com Gabriel Chalita do PMDB, além disso, algumas pessoas votaram para o legislativo de forma pouco refletida, e Tatiana votou em branco para todos os cargos porque disse que estava revoltada com a política. Finalmente, entre os eleitores não-alinhados nem com o petismo e nem com o Lulismo, os padrões são menos coerentes ainda em comparação com os dos outros entrevistados e apenas Raimundo, ex-petista, lembrou-se do nome do candidato no qual votou para o legislativo.

Dentre estes fenômenos, os mais importantes para o argumento desenvolvido aqui foram as intenções iniciais de voto em Gabriel Chalita do PMDB, e, principalmente, em Celso Russomano do PRB, por parte dos neo-petistas e lulistas, e até mesmo por parte de Caroline e Maria Teresa, próximas ao petismo histórico. Tanto o primeiro como o segundo de fato fazem parte do arco de alianças do governo federal, isto é, do Lulismo, no entanto, são duas candidaturas de direita, sendo que o último é herdeiro do malufismo, mas que, apesar disso, acabam fazendo uma disputa dentro do Lulismo e não contra este. Se a candidatura de Gabriel Chalita teve pouca adesão, a popularidade desfrutada por Celso Russomano entre as classes populares, medidas por pesquisas de opinião realizadas na época quase o levaram ao segundo turno das eleições, o que não ocorreu por conta do amorismo de sua candidatura, segundo afirmou o próprio candidato do PT, Fernando Haddad, em um comício realizado na Brasilândia dias antes do primeiro turno.

### **Derrota do petismo, vitória do Lulismo?**

A derrota do petismo como movimento político-ideológico dentro e fora do Partido dos Trabalhadores parece ser inequívoca, e pode-se dizer inclusive que era “prevista” pelas diferentes teorias a respeito da moderação ideológica de partidos políticos à medida que estes se tornam mais competitivos (Kircheimmer, 1966; Katz; Mair, 1995; Panebianco apud Floriano, 2008). No entanto, segundo André Singer (2012), o PT não teria apenas se moderado realizando um movimento à direita no

espectro político, mas teria dado vazão ao Lulismo, uma forma político-ideológica particularmente contraditória, mas, que a despeito de sua face conservadora, cujos efeitos ideológicos e eleitorais foram explorados até agora, agrega uma herança radical do petismo personificada na figura de Lula.

Afinal, os trabalhadores pobres em processo de ascensão social, que até aqui foram descritos como classes trabalhadoras e classes populares por sua maior coincidência ideológica com estes setores, ainda que possuam patamares de renda e consumo acima das camadas mais empobrecidas do país, se identificam com estas e se pensam como parte de um todo maior denominado ora como “os pobres” ora “o povo, movimento que ocorre, no plano político, principalmente com base na figura de Lula:

“Eu prefiro o PT, eu prefiro o PT, por mais coisa errada que eles fazem, eles pensam um pouquinho nos pobres, tudo bem que quando eles pensam nos pobres, eles pensam “o voto vai primeiro”, pobre tem mais filho, tem mais gente pra votar. (Mas) eu gosto do PT não é só por isso não, é que eu brinco muito, mas é por causa da minha cidade, lá no Nordeste, o PT fez muito lá. Então, muita gente pode dizer assim “ah, o PT fez uma esmola no Nordeste”, mas se você for no Nordeste pra passar quinze dias, igual eu passei quinze dias quando eu fui buscar minhas filhas, você vai dizer “o PT é um deus grego”. Por isso que eu tiro o chapéu pro povo do Nordeste, o povo do Nordeste eles idolatram o PT, porque o que eu tenho aqui pro povo do Nordeste eu sou milionária, e eu passo o maior sufoco. (...) *E por que você acha que eles fizeram e os outros não?* Eu acho que por eles serem um pouco de lá, eles pensaram um pouquinho, né? Eu acho que foi por isso que eles fizeram...Eu acho que foi mais pelo presidente Lula, pela condição de vida que ele teve, eu acho que foi por isso que ele fez. O povo, todo mundo gostava dele. Eu gosto, eu gosto porque ele fez, ele fez alguma coisa pelo meu povo, não foi nem por mim, mas foi pelo meu povo.” (Tatiana, 30 anos)

A fala de Tatiana sintetiza aquelas de muitos outros entrevistados, nordestinos ou não, petistas, neo-petistas, lulistas, e até mesmo não-alinhados. Nestas falas Lula é apontado como o político que teria um compromisso “verdadeiro” com o povo, uma vez que teria sido o político que fez mais pelos nordestinos, inclusive, as políticas de infraestrutura eram tão ou mais citadas que o programa Bolsa-Família como exemplos do engajamento de Lula com o Nordeste. Praticamente nenhuma das pessoas que entrevistei afirmou que havia sido beneficiada diretamente pelas políticas do governo

federal, apesar de o terem sido, e provavelmente isso não foi por vergonha ou esquecimento, uma vez que todas eram enfáticas em apontar os benefícios das políticas realizadas na prefeitura de Marta Suplicy que os beneficiaram, como o Bilhete Único, a Renda Mínima e o Leve-Leite (programa herdado das gestões Maluf-Pitta). Desse modo, pode-se dizer que os vínculos simbólicos que conectam Lula ao Nordeste, Nordeste ao povo, e o povo com os moradores das periferias das grandes metrópoles, ultrapassa o reconhecimento destes últimos dos benefícios materiais auferidos durante os mandatos do PT.

Assim, a meu ver, a face progressista do Lulismo poderia possuir o potencial de ultrapassar o petismo em radicalidade, pois poderia mobilizar as classes populares em sua quase totalidade e não apenas suas parcelas organizadas. Isso poderia ocorrer na medida em que a polarização eleitoral que se iniciou em 2006 se intensificasse nos âmbitos político-ideológicos e passasse a opor um campo “popular” a outro ocupado pelas “elites”, conformando aquilo que o teórico político argentino Ernesto Laclau (1978) conceituou como um discurso ideológico populista.

Isto seria possível na medida em que o Lulismo não é um movimento que se sustenta apenas na aprovação dos eleitores a políticas que os beneficiem, ainda que as medidas econômicas adotadas pelo governo federal sejam importantes para compreender a adesão das camadas populares a Lula (Hunter; Power, 2007; Zucco, 2010). Assim, a oposição entre um universo simbólico “popular” e aquele das elites poderia fazer com que o Lulismo se tornasse um movimento análogo ao Peronismo ou ao Chavismo, polarizando de forma intensa a sociedade brasileira, porém, tal possibilidade é anulada pela face conservadora do Lulismo. Se por um lado o bloqueio de uma polarização mais aguda impede que o país passe por uma intensificação, sem precedentes, do conflito social, por outro, tendo em vista a desmobilização das classes populares em torno de um projeto político que as unifique, o Lulismo deixa aberto um espaço para que os trabalhadores em processo de ascensão se descolem simbolicamente destas últimas e passem a aderir a outros projetos político-ideológicos, inclusive de direita.

Este último cenário não é improvável. Um exemplo disso é que tanto Maria Teresa, ex-militante de base do PT, como Márcia, que se afirma petista e até mesmo “marxista”, me disseram, em junho de 2013, que os culpados pelos protestos que ocorriam em São Paulo eram os nordestinos pobres que aumentavam os gastos da prefeitura e que por isso estes deveriam ficar em seus próprios Estados e deixarem de

migrar para a cidade, discurso que poderia ter sido proferido perfeitamente por um destacado membro da elite paulistana.

Corroborando a tendência apontada pelas falas destas últimas, uma pesquisa do Instituto Vox Populi, realizada no início de 2014 junto aos segmentos da classe trabalhadora em ascensão, revelou que estes podem estar se afastando dos segmentos mais empobrecidos das classes populares. Segundo Marcos Coimbra, presidente do Instituto: “O Bolsa Família envelheceu, não pode mais ser usado como o grande carro-chefe das campanhas petistas. E as críticas não são apenas da classe média conservadora, mas estão vindo especialmente da chamada nova classe C, justamente aquela que ascendeu na gestão do PT. Esses cidadãos alegam que pagam seus impostos, enquanto outros recebem as benesses do governo, por isso não querem mais ser identificados com os que ainda dependem do programa para sobreviver”<sup>10</sup>.

Nesse sentido, as tentativas de Gabriel Chalita, e principalmente, de Celso Russomano, de conquistar os votos das classes populares nas eleições municipais de São Paulo em 2012, ainda que tenham sido frustradas, podem representar uma espécie de vanguarda, em nível municipal, de uma tendência que poderia vir a se expressar em nível nacional e disputar com o Lulismo, ou por dentro deste, a adesão das classes populares, ou ao menos da parte destas que, segundo as peças de propaganda do governo federal, teriam sido alçadas nos últimos anos à classe média.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Ronaldo. (2004). “Religião na metrópole paulista” In Revista Brasileira de Ciências Sociais v.19 N.56 2004

BRAGA, Ruy (2012). *A política do precariado, do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo Editorial

CABANES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele S. e TELLES, Vera. (Org.) (2011). *Saídas de Emergência. Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo Editorial

CALDEIRA, Teresa (2000). *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp

---

<sup>10</sup> Ver <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,bolsa-familia-pode-deixar-de-ser-trunfo-eleitoral-de-dilma-diz-especialista,1135789,0.htm>



CARDOSO, Fernando Henrique. (1998). “Desenvolvimento associado-dependente e teoria democrática” In *Democratizando o Brasil*. STEPAN, A. (Org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra

DAGNINO, Evelina. (2004). “Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa”. *Política & Sociedade Revista de Sociologia e Política*, Florianópolis, v.1 N.5, p.137-161

FELTRAN, Gabriel de S. (2011) *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp

FLORIANO, Pedro. (2008). “Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005”. Tese de Doutorado. UFSCAR. São Carlos

GRAMSCI, Antonio. (2002). *Cadernos do Cárcere*. v.1, Caderno II. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira

\_\_\_ : (2002). *Cadernos do Cárcere*. v.II. Caderno 12. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira

HIRATA, Daniel. (2011). “Vida loka” In HUCABANES, R; GEORGES, I; RIZEK, C.S. e TELLES, V. (Org.) (2011). *Saídas de Emergência. Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo Editorial

HUNTER, Wendy. POWER, Timothy. (2007). “Rewarding Lula: Executive Power, Social Policy and the Brazilian Elections of 2006” In *Latin American Politics and Society* v.49 issue 1 / April 2007, pp.1-30

KATZ, Richard; MAIR, Peter (1995). “Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party” In *Party Politics* v.1, n.1, pp.5-28

KIRCHHEIMER, Otto. (1966). “The transformation of the Western European Party Systems” In *Political parties and political development*, pp.177-200

KOWARICK, Lucio. (2000) *Escritos Urbanos*. São Paulo : Editora 34, 2000

LACLAU, Ernesto. (1979). *Política e Ideologia na Teoria Marxista – Capitalismo, Fascismo e Populismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

LAMOUNIER, Bolívar; DE SOUZA, Amaury. (2010). *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Elsevier.

LARRAIN, Jorge. (2008). *El Concepto de Ideología*. v.2. *El Marxismo posterior a Marx: Gramsci y Althusser*. Lom Ediciones (E-Book)

MOYA, Maria Encarnación. (2011). “Os estudos sobre a cidade: quarenta anos de mudança nos olhares sobre a cidade e o social” In *São Paulo: novos percursos e*

atores. *Sociedade, cultura e política*/ Organização de Lucio Kowarick e Eduardo Marques. São Paulo: Editora 34. Centro de Estudos da Metrópole

NERI, Marcelo C. (Coord.) (2008). “A nova classe C”. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS

POCHMANN, Marcio. (2012). *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial

SADER, Emir (1988). *Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

SECCO, Lincoln. (2011). *História do PT*. Cotia: Ateliê Editorial

SINGER, André (2009) “Raízes sociais e ideológicas do lulismo”. *Novos Estudos*, n.85, pp.83-102

\_\_\_: (2012) *Os sentidos do Lulismo. Reforma Gradual e Pacto Conservador*. São Paulo : Companhia das Letras

SOFIATI, Flávio M. (2009). “Tendências católicas: perspectivas do cristianismo da libertação”. *Estudos de Sociologia*, v.14, n.26.

SOUZA, Jessé (2010). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte : Editora UFMG

VALLE, Edênio. (2004). “A renovação carismática católica: algumas observações” In *Estudos Avançados*, 18(52), pp.97-107

ZUCCO, Cesar (2010). “Cash Transfers and Voting Behavior: Electoral Impacts of Brazil’s Bolsa Família Program” Disponível em [www.princeton.edu/~zucco/papers/cctvotingbehavior.pdf](http://www.princeton.edu/~zucco/papers/cctvotingbehavior.pdf)

### **Fontes Pesquisadas**

Folha de São Paulo (2009). DNA Paulistano. São Paulo: Publifolha

Jornal Cantareira, Edição de Fevereiro/Março de 2003, Seção “De Olho na História: Vila Brasilândia: meio século de contradições”

Jornal Cantareira, Edição de Maio de 2003. Seção “De Olho na História: Jardim Guarani, coragem e esperança”

Relatório do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Centro de Referência e Memória) referente ao “Projeto Brasilândia”, realizado entre 1999 e 2000

